



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A CONSTRUÇÃO DA IMORTALIDADE: J. MIGUEL DE MATOS E SEU INGRESSO NA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

Gislane Cristiane Machado Tôrres*

A literatura produzida no Piauí na década de 1970 possui um caráter diverso em virtude dos grupos culturais nela atuantes (com suas propostas e significações várias dadas às suas obras), das instituições legitimadoras das práticas culturais, além da atuação do poder público no tocante a projetos de valorização e editoração a exemplo do Plano Editorial do Estado de 1972. Em torno desse projeto editorial, o cenário cultural da década de 1970 se movimentou perante as obras a serem escolhidas e também em torno dos autores e serem selecionados gerando disputas por legitimação e visibilidade onde as escolhas e, por conseguinte, as críticas recaiam, em sua maioria, para escritores ligados a Academia Piauiense de Letras¹.

J. Miguel de Matos², literato piauiense representa o universo dos intelectuais ligados à Casa de Lucídio Freitas, e que em sua trajetória contemplou duas

* Mestre em História do Brasil Professora SEMEC – Teresina (PI) gislanetorres@yahoo.com.br

¹ Fundada em 30 de dezembro de 1917, da Academia Piauiense de Letras (APL) ou Casa de Lucídio Freitas constituiu-se como agremiação literária que busca por meio de reuniões, debates, lançamentos de livros e revistas dinamizar o cenário cultural do Estado. A APL reuniu em torno de si escritores de variados gêneros - contistas, poetas, romancistas, cronistas, jornalistas, historiadores, bem como políticos e bacharéis em Direito que em suas produções escritas, em sua maioria, apresentaram a realidade piauiense.

² José Miguel de Matos nasceu em Floriano em 1923 e faleceu em 2000. Poeta, jornalista e antologista. Pertenceu a Academia Piauiense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí. Participou

possibilidades de atuação literária. Analisamos sua obra e nela percebemos dois momentos distintos: de um lado as obras e pronunciamentos na imprensa produzidos antes de seu ingresso na Academia Piauiense de Letras contemplam o desejo em tornar-se um acadêmico imortal, bem como os ressentimentos diante das derrotas sofridas nas campanhas visando sua entrada no sodalício, por outro lado temos seus escritos pós-1973 (ano de seu ingresso) nos quais se percebe a preocupação em defender a instituição das críticas, sobretudo dos literatos alternativos e marginais, bem como valorizar e construir sua imagem como literato a ser reconhecido.

A análise de sua produção literária aponta várias vertentes para o entendimento do mundo cultural piauiense da década de 1970, entre elas a fragilidade da crítica literária produzida no Estado. O posicionamento de J. Miguel de Matos, sobretudo se tomarmos por base seus esforços em três campanhas sucessivas para ingressar na Academia Piauiense de Letras, nos auxilia o entendimento do que significava à época ser imortal, como se comportavam os acadêmicos, além do tipo de distinção que se podia alcançar com a imortalidade literária.

Suas narrativas antes da entrada na Casa de Lucídio Freitas são de crítica à instituição, sugerindo que a posse do canudo, o pergaminho, o anel e a toga eram os requisitos necessários para fazer parte de seus quadros. Contudo, apesar das críticas dirigidas à APL, em especial, após suas duas derrotas iniciais, J. Miguel de Matos não pode ser identificado como adepto do grupo que propõe a renovação do cenário cultural local, mas sim com aqueles que desejavam oficializar e legitimar seu discurso, a partir do acesso a uma instituição de reconhecido poder de atuação e legitimação dos escritores e de suas práticas.

Na obra *Perfis*,³ J. Miguel de Matos biografou nomes da literatura nacional e regional,⁴ e reuniu escritos reveladores das disputas da época, na quais aparecem os

do Movimento de Renovação Cultural, fundador da revista *Mafrense*. Entre suas obras estão *Brás de Santinha*, *Antologia poética piauiense* e *Perfis*.

³ MATOS, José Miguel de. *Perfis*. Teresina: COMEPI, 1974.

⁴ Em *Perfis*, J. Miguel de Matos foram produzidos textos biográficos sobre os seguintes escritores: Joaquim Maria Machado de Assis, Alberto Tavares Silva, Álvaro Alves Ferreira, Artur de Araújo Passos, D. Avelar Brandão Vilela, Álvaro Pacheco, Armando Madeira Basto, Antônio Veras de Holanda, Antônio Bugyja de Sousa Britto, Celso Barros Coelho, Cristina Leite, Cromwell Barbosa de Carvalho, Deoclécio Dantas Ferreira, Edison da Paz Cunha, Francisca da Cunha e Silva, Fernando Lopes Sobrinho, Gerardo Majela Fortes Vasconcelos, Helvídio Nunes de Barros, José Maria Barros

seus ressentimentos, tendo em vista sua entrada na APL. A obra traz os discursos e os posicionamentos do autor acerca do cenário cultural, apontando desejos, tecendo críticas, expondo ressentimentos e, também, fazendo elogios, revelando sua vontade em inserir-se no mundo literário oficial. Em vários trechos da obra reforçam-se essas características, com a finalidade de chamar a atenção para si, ao criticar ou elogiar determinados escritores. A produção de inúmeras dedicatórias da obra apontava aquelas pessoas que, em sua opinião, contribuíram para o desenvolvimento cultural, social e econômico do Piauí, buscando com isso, uma aproximação com os elogiados, a fim de conquistar simpatia e apoio.

As dedicatórias e elogios contemplaram: Armando Madeira Basto, coordenador da Assessoria de Comunicação do Governo; A. Tito Filho, presidente da Academia Piauiense de Letras; Júlio Lopes Lima, presidente da Companhia Energética do Piauí S.A.; tenente-coronel William Serrão Tupinambá, comandante da Guarnição Federal de Teresina; coronel Canuto Tupy Caldas, comandante geral da Polícia Militar do Piauí; major Joel da Silva Ribeiro, prefeito de Teresina entre 1971-1975; Valter Alencar, diretor da TV Rádio Clube; jornalista Helder Feitosa, diretor do jornal *O Estado*; Raimundo Barbosa Marques, antigo colega do autor dos tempos do Liceu Piauiense e Raimundo Wall Ferraz, Secretário de Educação e Cultura do Piauí.

As escritas indicam, não apenas reconhecimento das ações desses homens, mas também o desejo de associar sua imagem à imagem desses homens, fazendo com que os citados o reconheçam como pessoa próxima. No caso deste livro, como nas demais obras de antologias, a referência aos escritores citados não ocorre apenas em virtude da sua significação para a literatura piauiense, mas como uma tentativa do escritor de forjar uma tradição literária, formando um grupo de escritores que, ao se citarem mutuamente valorizam suas trajetórias e práticas em comum, em detrimento de demais posturas e intelectuais, promovendo, por meio da escrita, a identidade de escritores e instituições.

Os textos reunidos em *Perfis* foram escritos em momentos diferentes e embora não datados, permitem perceber que foram produzidos entre o final dos anos 1960 e os meados de 1973, e registram os posicionamentos do autor sobre os rumos da cultura

local bem como suas desilusões com as derrotas nas tentativas de ingresso na APL. Em inúmeras passagens, J. Miguel de Matos afirma que o objetivo dos textos era propor uma apreciação crítica da obra de escritores piauienses e de outras regiões, servindo, contudo, em muitos casos, como retribuição aos votos recebidos nas candidaturas à APL, crítica àqueles que lhe negaram votos ou a quem criticava suas ações, bem como pedido de desculpas a pessoas com as quais havia se desentendido. O autor tinha clareza do poder da escrita e dos elogios num cenário cultural carente de visibilidade e apoios a suas publicações, em que as obras, falas, elogios e críticas dão suporte à construção de imagens e representações sobre o fazer literário.

Em cenário marcado por acontecimentos e disputas por espaço e legitimação, o autor de *Perfis* continuamente recusa-se a identificar sua obra com as tensões desse processo de legitimação e visibilidade no campo literário. Ao defender uma possível imparcialidade de sua obra, J. Miguel de Matos afirma:

[...] esta obra não tem por escopo dizer quem deve ou não deve alcançar a imortalidade acadêmica, pretendendo apenas mostrar, pelo estudo crítico honesto, para julgamento geral ou em particular dos oficiais da literatura entre nós, a verdadeira gama cultural dos que se agitam como estetas das letras, no panorama largo e extenso do Piauí, ficando, todavia o seu autor certo de uma coisa: consolar aqueles que, marginalizados, necessitam, para desafogo de suas angústias que sabem esconder tão bem, do julgamento imparcial da história literária desta província de Mafrense, mesmo para um sorriso, apenas, dentro da noite de sua solidão e de seu esquecimento.⁵

4

Mesmo negando o que fica evidente em sua escrita de estilo metafórico e em alguns momentos laudatórios, a obra de J. Miguel de Matos pode ser entendida como denúncia da realidade literária estadual, marcada pela crítica elogiosa e pelo acesso às instituições em virtude dos nomes de família e das posições ocupadas nos campos econômico e político. Embora não queira de todo desqualificar os membros da APL ao reconhecer a inteligência de seus membros e seu papel como instituição viva e aberta a escritores de variados estilos e tendências, essa avaliação não o impedem de reconhecer as injustiças praticadas pelos homens de letras, ao permitirem o acesso ao sodalício de nomes pouco representativos. Sobre o acesso destes à Academia, afirma que:

⁵ MATOS, 1974, p.155.

[...] há muita injustiça na pesagem e na medida dos valores que se imortalizaram, entre nós, com o fardão da Academia Piauiense de Letras, diariamente julgados através de *informações biográficas*, que quase nada podem mostrar do que anda na cabeça dos homens de pensamento que agora se acham, depois de vencerem tantas batalhas nas lutas do espírito, no justo repouso da glória.⁶ [Grifos do autor]

Os ressentimentos de J. Miguel de Matos afloram, ao se reconhecer como escritor renovador e crítico coerente, especialmente pelas derrotas nas tentativas de ingresso na APL. Segundo Pierre Ansart, os sentimentos dos homens devem ser observados em suas trajetórias, cabendo aos pesquisadores não se aterem tão somente aos sentimentos ditos positivos, mas considerar também os medos, as angústias, as frustrações, os desejos de vingança e as hostilidades ocultas que se revelam através de variadas atitudes,⁷ pois essas emoções forjam práticas sociais, que, servindo como táticas, procuram conquistar espaço, ao serem reforçadas ou refutadas pelos indivíduos que as possuem, interferindo na construção da identidade individual e dos grupos com os quais esses se relacionam.

No caso de J. Miguel de Matos, esse literato utiliza seus ressentimentos, originários das supostas desconsiderações feitas a si e a seus escritos, para ganhar visibilidade, angariar recursos e conseguir espaços para a veiculação de suas produções. Utilizando como tática recorrente em seus discursos a referência às exclusões sofridas, o autor passa a exigir e conseguir edição para suas obras, o que auxiliaria seu acesso à imortalidade acadêmica, bem como para adquirir maior interferência no cenário político local, conforme pode ser visto na matéria a seguir:

[...] do acadêmico J. Miguel de Matos: “minhas tentativas de ingressar na vida administrativa do Piauí – meu Estado natal – não tem obtido êxito, tirando-me qualquer possibilidade de trabalhar melhor pela minha terra, ainda a mais pobre do Brasil. Assim, se continuar marginalizado terei de ingressar quanto antes na vida política para lutar bravamente por este povo que permanece desgraçadamente distante de uma vida mais digna e mais possível de tolerar. Ninguém desconhece que o meu partido, como não poderia de ser é o da oposição em que poderei achar, pela tribuna, que é a praça do político,

⁶ MATOS, 1974, p. 236.

⁷ ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Org.) *Memória e (res) sentimento*. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 15-36.

o campo de luta capaz de levar para frente uma comunidade que continua para trás. O tempo dirá se estou com conversa fiada.⁸

Essas tentativas do autor de se inserir na vida pública - política ou cultural - revelam não apenas o desejo de reconhecimento, mas também as limitações da sobrevivência por meio da escrita. Aposentado no serviço militar, a projeção social por meio da atuação no cenário literário ou político, possibilitaria a J. Miguel de Matos maior visibilidade, algo crucial para um escritor que se quer reconhecido, editado e conhecido pelo público leitor. Ao reforçar por meio da escrita seus ressentimentos, esse autor investe contra o perfil da crítica, em geral elogiosa, feita aos intelectuais imortais, muitas vezes produzidas por eles mesmos, critica também o processo editorial do Estado e, sobretudo, os jovens escritores que não o reconhecem como alguém significativo para a literatura piauiense. Ao construir para si uma imagem de crítico criterioso, identifica nesta prática algo capaz de favorecer seu ingresso na APL. Segundo ele,

[...] por este comportamento que assumi perante a literatura piauiense, assistindo, no terrível dia-a-dia da nossa vida cultural, a germinação de obras que não resistem ao tempo – por fracas, inúteis e vazias – venho granjeando o ódio de uns e a antipatia de outros, que obstaculam a minha caminhada para a imortalidade acadêmica, quando deveriam se tornar maiores do que eu pela cultura, que seria a competição mais indicada por mais leal. Mesmo assim [...] continuo a minha jornada, de espada em punho como o Anjo Gabriel, decependo a cabeça das mediocridades engalanadas e cuidando, como uma sentinela indormida, das letras e das artes no Piauí.⁹

Em seus textos, esse literato aponta uma série de vícios na crítica produzida no Piauí, em especial pelo fato de esta ser baseada na amizade e no elogio fácil, sem critérios claros e coerentes. O fato de a crítica elogiosa não alcançar sua obra e consequentemente, não favorecer sua admissão às instituições, faz com que aponte falhas nos julgamentos dos críticos piauienses, citando ou não seus nomes. Contudo, por ser a obra *Perfis* escrita em momentos distintos, o cruzamento de informações permite identificar algumas pessoas a quem J. Miguel de Moura critica, a exemplo de A. Tito Filho. A despeito das críticas, o presidente da APL contribuiu significativamente para

⁸ J. MIGUEL de Matos. *O Estado*, Teresina, 24 abr. 1975, p. 7.

⁹ MATOS, 1974, p. 35-36.

sua entrada no sodalício, numa postura que também pode ser entendida como tentativa de silenciamento ou enquadramento das ferrenhas críticas proferidas por J. Miguel de Matos. Na APL, esse escritor vai atuar em parceria com A. Tito Filho desenvolvendo importante ação junto à presidência, sendo eleito primeiro-secretário, sucessivas vezes.¹⁰

Ao lado das avaliações injustas, J. Miguel de Matos coloca outros vícios da produção literária do Piauí. Embora suas falas sejam localizadas na defesa de seus interesses, elas permitem observar algumas das táticas utilizadas por um escritor a fim de alcançar reconhecimento. As inclusões e exclusões que J. Miguel de Matos vivencia, no meio cultural piauiense, são significativas, possibilitadas a literatos que desejam alcançar instituições oficiais, devendo burlar a falta de apoio dos que desejam que estas sejam formadas, em geral, por pessoas abastadas financeiramente, portadores de cursos superiores, membros de famílias importantes no cenário social e autores de obras reconhecidas. Das supostas exigências que J. Miguel de Matos julgava existir para o acesso a APL, apenas o possuir obras publicadas lhe permitiria acesso a essa instituição, daí a recorrência do autor em expor seus ressentimentos, criticar os literatos ligados à APL que lhe negaram votos e em reafirmar sua origem humilde, sem muito acesso à educação formal.

Referindo-se à edição de obras no Piauí, afirma que, no Estado, os literatos vivem de pires na mão, dependendo não somente dos recursos estatais, mas, sobretudo, de elogios fáceis que seriam:

[...] a causa maior do nosso raquitismo literário [...] sempre em paga da oferta de um livro que chega às mãos do crítico especializado, do colega de ofício, do companheiro de repartição pública ou de amigo comum [...] sem passar a obra pela abertura de um estudo crítico e sem ser submetida ao crivo de opinião abalizada e honesta.¹¹

¹⁰ O livro de atas da Academia Piauiense de Letras do período da presidência de A. Tito Filho faz referência aos cargos e ações desenvolvidas por J. Miguel de Matos junto a presidência: “[...] 1973 - [...] i) solenidade de posse do novo acadêmico José Miguel de Matos. Presidência de Tito Filho, que fez a saudação. Auditório Herbert Parentes Fortes. [...] m) eleição para a Diretoria no biênio 1974-1975: presidente, Tito Filho; secretário geral, Edgar Nogueira; 1º secretário, José Miguel de Matos; 2º secretário, Martins Vieira; tesoureiro, José Vidal de Freitas; bibliotecário, monsenhor Joaquim Chaves. Os diretorianos assumiram na mesma data, 6 de janeiro de 1974.” ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Livro de atas da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, 1973. p. 2-3.

¹¹ MATOS, 1974, p. 49.

Desse modo, o autor afirma que publicar no Piauí é mais difícil que escrever e ainda que as poucas publicações não recebiam crítica coerente, por atingir um número restrito de consumidores. Esses entraves às aspirações dos intelectuais os faziam buscar o pertencimento a instituições, bem como o fortalecimento de amizades, o que contribuiria para a publicação de livros.

A utilização por parte de J. Miguel de Matos da escrita como uma espécie de arma que qualifica ou desqualifica nomes da literatura produzida no Piauí sugere seu uso como instrumento vingativo, veículo dos ressentimentos adquiridos pelo autor nas tentativas frustradas de ingresso na APL. O livro *Perfis* relata momentos de suas três campanhas, narrando as visitas feitas em busca de votos, os apoios recebidos, as incisivas negações e os esquecimentos de quem lhe havia prometido voto. Exemplo desses esquecimentos calculados foi o de D. Avelar Brandão Vilela, visitado por dois candidatos e que, no momento da eleição, anulou seu voto, a fim de não se indispor com nenhum deles. Eis o caso relatado de modo irônico pelo autor:

[...] no dia da eleição (1º escrutínio), omitiu-se habilmente de votar em qualquer um dos candidatos, preferindo, prudente e sabiamente, que o Pastor decidisse em lugar do Acadêmico, permitindo que os derrotados, com o mesmo respeito e a mesma admiração, voltassem a beijar, reverentemente, a pedra do seu anel.¹²

Às surpresas com os votos negados adicionam-se também em *Perfis* as surpresas pelas conquistas de votos considerados perdidos, como o do professor e pesquisador Odilon Nunes:

[...] deixei a casa do acadêmico Odilon Nunes inteiramente desiludido do seu apoio à minha candidatura, recebendo no dia da eleição a surpresa que estava fora das minhas mais longínquas cogitações: ele votou no meu nome, num gesto que me pareceu mais *bondade* do que de *consciência*. Para mim, marinheiro de primeira viagem na acidentada viagem da imortalidade, foi muita válida a conduta do acadêmico Odilon Nunes que, *sem nada prometer*, dá o apoio no dia da decisão, inversamente a outros que *garantem o voto* e dão-no, sem a menor sencermônia, comprometendo a austeridade de senescência, a outro pretendente, mesmo que isso, pela volúpia do espírito, não possa ser tachado de traição ou injustiça, como vaticinam alguns, inteiramente ignorantes de que, nas academias onde se supõe um ambiente repousante para uma vida intelectual menos intensa, *otium cum dignitate* – aí onde se imagina um lago azul sem névoas nem

¹² MATOS, 1974, p. 73.

espumas, dormem, não raras vezes, abismos dissimulados.¹³ [Grifos do autor]

Defensor de que a idade, o sobrenome e a fortuna não podiam ser critérios para o acesso à Casa de Lucídio Freitas, J. Miguel de Matos critica a fragilidade dos critérios de votação daqueles que lhes recusaram votos, a exemplo de Fontes Ibiapina. O ressentimento em vista da negativa do folclorista aparece em trecho em que o acusa, sutilmente, de incoerente:

[...] parece, porém, que o ilustre ocupante da Cadeira de Alcides Freitas na Academia Piauiense de Letras, não quis pervagar a própria picada que abriu ou não quis mais a cartilha que ele mesmo escreveu, como se atirasse fora, por desfastio, a bússula que, de *motu próprio*, colocou na mão para orientar seus passos, votando, anos depois em dois candidatos que, quando muito, possuíam – e ele sabia muito bem disso – aqueles *títulos* precários, derrotando um escritor que, se não vale muito pela profundidade de suas obras, mas que, pelo menos, deveria ser respeitado pela quantidade de livros publicados com ótima aceitação pública.¹⁴ [Grifos do autor]

Embora o cenário literário do Piauí, durante as décadas de 1960 e 1970, possa ser caracterizado pelas disputas entre autores e instituições por visibilidade, algumas rivalidades são, momentaneamente, esquecidas ou mesmo desfeitas quando o interesse é a defesa da imagem e da posição do grupo. Após ser eleito para a APL, o discurso incisivo de J. Miguel de Matos contra membros da instituição se abrandava e as mágoas antigas, mesmo que não inteiramente dissolvidas, camuflam-se no momento em que os pares imortais são atacados na imprensa e em livros. Na obra *Mosaico*,¹⁵ em que J. Miguel de Matos reúne textos publicados em periódicos de Teresina, em especial no jornal *O Estado*, a defesa das produções de Fontes Ibiapina, acusado de utilizar linguagem popular e palavrões em seus textos folclóricos, foi assumida pelo autor. Ao tecer suas próprias críticas, afirma, também, o significado de Fontes Ibiapina para a cultura piauiense:

[...] tomado daquela pressa em produzir livros e mais livros, ao feitio de Honoré de Balzac, com natural reflexo negativo para a sua obra literária, essa carreira me parece a razão mais aceitável, sem tirar dela

¹³ MATOS, 1974, p.232-233.

¹⁴ MATOS, 1974, p.64-65.

¹⁵ MATOS, José Miguel de. *Mosaico*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

o seu valor global, da vulnerabilidade de Fontes Ibiapina à sanha da crítica e à indiferença do leitor comum à sua vida literária, corroborada por um crítico da nossa tenda [...] Se outra não for a conclusão do mais erudito em crítica literária, com palavra mais abalizada sobre o difícil assunto, Fontes Ibiapina, na minha visão de aprendiz de ferreiro, tem uma fortíssima contribuição à cultura linguística do Piauí, como **contista**, como **romancista** e como **ensaísta** – três importantes ramos da literatura – que ele maneja com muita facilidade, fecundez e amor à terra natal.¹⁶ [Grifos do autor]

Os fragmentos de discursos com as variadas posições de J. Miguel de Matos, antes e depois da entrada na APL, mostra que as posturas de qualificação e desqualificação adotadas antes de seu ingresso na instituição não se amenizam com sua entrada no sodalício, porém ganham novos sentidos. Agora, para legitimar suas falas e atitudes utiliza-se do argumento de que é imortal. A imortalidade para o autor não significou apenas o reconhecimento de seus atributos literários, mas um meio para estabelecer contatos com intelectuais buscando construir e defender uma imagem de si. O reforço de sua imagem serviria como instrumento para o alcance de maior visibilidade no cenário político e cultural do Estado.¹⁷

10

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Livro de atas da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, 1973.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Org.) *Memória e (res) sentimento*. Campinas: UNICAMP, 2004.

CANDIDO, Antonio. Literatura e a vida social. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1980.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEITE, Cristina. *Canções de hoje, canções de outrora*. Teresina: COMEPI, 1968.

¹⁶ MATOS, 1976, p. 119.

¹⁷ Convêm destacar que nos períodos em que as disputas se deram não se localizou nos jornais a escrita de nenhum acadêmico em defesa ou crítica às declarações de J. Miguel de Matos numa demonstração da posição conservadora do sodalício em não envolver com disputas “menores” entre escritores e também para não atrair para si críticas, ao reverberar discursos em favor das posições em conflito.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

MATOS, José Miguel de. *Mosaico*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

MATOS, José Miguel de. *Perfis*. Teresina: COMEPI, 1974.

MORAES, Herculano. *A nova literatura piauiense*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. *O Estado*, Teresina, 1975.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.